

Germinal!

Semanario anarquista

Administração: R. Felipe — Redação: Florentino de Carvalho — Caixa postal, 134 — S. PAULO (Brasil)

ASSINATURA

Anual 10\$000

Semestral 6\$000

Agitação internacional contra a lei de expulsão brasileira

A victoria da nossa causa é iminente

A agitação iniciada contra a lei de expulsão, esse aborto póstumo do barbarismo nacional, planta exótica importada do estrangeiro e encomendada pelos negreiros desta terra, está tomando proporções assustadoras para esses mesmos negreiros, a sombra de cuja lei se julgaram salvos das reivindicações operárias.

O nosso movimento de protesto encontrou eco no mundo europeu, e os trabalhadores de Portugal, Espanha, França e Itália estão fazendo valer a sua potente solidariedade, obrigando o governo dos fazendeiros e dos monopolizadores brasileiros, a retroceder na sua campanha de repressão.

Mais uma vez a solidariedade do proletariado internacional terá vencido e humilhado o Estado e a burguesia, tornando-os, pela força dos próprios procedimentos, a reconhecer as exigências dos trabalhadores.

Este movimento estendeu-se também pela Inglaterra, Alemanha, Suíça e outras nações do velho continente, e deu lugar a que as Confederações Gerais do Trabalho da França, Itália, Espanha e Portugal apresentassem um ultimatum ao ministro do governo brasileiro em Madrid, exigindo a imediata derrogação da lei de expulsão de estrangeiros, que aqui foi instituída para cercear em absoluto todos os direitos e todas as liberdades, restaurando, em piores condições a antiga escravidão.

Pretendem que, por essa forma, passem voltar a este país os trabalhadores que foram expulsos, com o pretexto das últimas greves ocorridas em Santos.

Estas entidades, signatárias do memorial, previnem ao diplomático do governo nacional, que se fôrem desatendidas as suas reclamações, no primeiro domingo do mês de junho realizar-se-ão simultaneamente na Espanha, Portugal, Itália e França, comícios operários contra a emigração para o Brasil.

Os trabalhadores do Havre, por sua parte, farão o boicote do café brasileiro, impedindo a descarga dos navios.

O memorial acrescenta que a campanha continuará sem tregua, contando os promotores com o apoio da Confederação Operária Brasileira, e da Federação Operária de Santos, a qual enviou para a Europa 20.000 exemplares de um folheto, expondo os erros de que são vítimas os trabalhadores nacionais e estrangeiros no Brasil.

Este folheto será traduzido aos idiomas, francês, espanhol e italiano, devendo distribuir-se, por ocasião dos comícios, com mil cópias em Portugal, Espanha, França e Itália.

O secretário da Legação da burguesia brasileira respondeu à mensagem dos representantes das federações operárias da França, Espanha, Portugal e Itália, relativa à lei de expulsão e emigração para este país.

Este diplomata e agente dos escravocratas brasileiros, declarou, nessa resposta, que a propaganda contra o bom nome do Brasil — isto é, contra as leis seculares e procedimentos vandálicos das autoridades e dos patrões para com as classes operárias — é ineficaz, e que julga impossível o boicote do

café brasileiro no porto do Havre, visto terem sido tomadas as devidas providências.

Declara ainda, que transmitirá ao governo de S. Paulo a petição relativa ao regresso dos trabalhadores ultimamente deportados por se terem envolvido nas últimas greves de Santos, dizendo que, seguramente esse governo resolverá a questão com estrita justiça.

Em primeiro lugar o testamento dos burgueses brasileiros declara que a nossa propaganda é ineficaz, ocultando a realidade da sua influencia poderosíssima revelada pelo fazendeiro Jorge Melo, o qual declara, com pesar, que, por falta de colonos, existem cerca 200 milhões de pés de café em péssimo estado, á falta de tratamento.

Este simples facto assevera a importância e o êxito assombroso da nossa campanha, e o próprio agente consular da república brasileira, em Madrid, reconhece a sua importância perante a acção proletária internacional, tentando atenuar a energia dos trabalhadores com o pedido transmitido ao governo de S. Paulo, de quem espera estrita justiça, ou o que é o mesmo, a revogação da expulsão dos operários que de Santos foram banidos para fora do país, reconhecendo que essa expulsão constitui uma injustiça.

A imprensa burguesa, daqui, comentando esta luta, diz que em outros países existem também leis idênticas, como por exemplo na Argentina, concluindo que não devemos protestar contra essa lei por que também, existe em outros países.

Bravo! Mas em outros países, como na Argentina, tem havido grandes movimentos que repercutiram aqui, e mais de uma vez, temos protestado contra as suas leis de repressão. Na Argentina produziram-se greves colossais, atentados contra os chefes de Estado, e até agora as classes dirigentes não gozaram de um momento de sossego.

Na Itália, Umberto pagou caro o massacre do proletariado de Milão; na França, Sadi Carnot perdeu a vida, á causa do assassinato em massa de trabalhadores que reclamavam os seus direitos; em Portugal, a lei de 13 de Fevereiro valeu a vida da família real e a queda da dinastia; na Espanha, varios movimientos revolucionarios e muitos atentados, pelos quais foram atingidos, Cánovas, Maura e o liberalissimo Canalejas, fizeram a burguesia espanhola sofrer sensivelmente os efeitos dos sucessos de Jeréz, dos martírios de Montjuich e Alcalá del Valle, da conquista do Riff, e deram por terra com a famosa lei de «jurisdicciones».

Aqui não ha de acontecer o contrario: a lei de expulsão, e a deportação de muitos companheiros estão sendo a ruína de muitos capitalistas a desmoralização dos governantes, e possivelmente, se os fazendeiros quizerem fazer a colheita do café, terão de, eles mesmos, arregaçar as mangas e substituir os colonos, trabalhando como gente.

O Brasil ha de ser, pela acção libertadora e profilática dos trabalhadores e dos anarquistas, um país livre e civilizado.

A luta está travada, e desde o

inicio desta campanha, mau grado toda a fobia da imprensa e o mercantilismo de penas adamantinas temos levado de vencida os adversarios da classe trabalhadora, os inimigos da liberdade e da justiça.

A derrogação da lei de expulsão está, por tanto, iminente, e o patronato como os funcionarios do regime ver-se hão de agora em diante forçados a respeitarem os fôros dos productores, por que estes estão chegando a uma cultura, a uma consciencia da sua força, dos seus di-

reitos e da sua dignidade, que não permitirão mais abusos, nem descansarão enquanto não destruirem todos os privilegios.

Avante, pois, até triunfar completamente na grande luta pelos direitos do homem, pela liberdade e pela civilização.

A exploração e o despotismo devem cair sob os formidaveis golpes do proletariado insurreccional.

Florentino de Carvalho.

GRÊVE DE COLONOS EM RIBEIRÃO PRETO

A revolta vai tomando maiores proporções

A greve dos colonos de varias fazendas do municipio de Ribeirão Preto, longe de declinar, tende-se a outras fazendas, tomando um caracter geral.

São conhecidas as causas deste movimento: é sabido que os colonos não podem continuar os trabalhos da lavoura, por que as condições em que se encontram não lhes permitem adquirir os alimentos necessarios para poderem trabalhar.

Os fazendeiros, e com eles o Patronato Agrícola, dizem que os colonos estão em melhores condições do que ha cinco ou seis meses, quando assinaram os contratos, visto que a carestia da vida lhes é favoravel, pois, podem vender a carne de porco, o milho, o feijão e outros legumes, por preços mais elevados.

É sabido que, em contratos escritos ou verbais, os fazendeiros prometeram ceder uma pequena parte de terra para o cultivo do milho, feijão, legumes, etc.

Ainda que estas promessas ou contratos fossem cumpridos, os colonos ver-se iam mal para adquirir os primeiros elementos; mas o certo é que estas promessas ou contratos falharam por completo, porque os fazendeiros não permitem que os colonos disponham de um palmo de terra, para o seu uso particular.

Por tanto, o toucinho, o milho, o feijão e outros cereais ou legumes, que estes haviam de vender, para ganharem alguma cousa, são obrigados a comprá-los nos armazens dos fazendeiros, a preços impossiveis.

Os fazendeiros restringem assim essa produção e importam, de fóra, os productos, que vendem aos colonos, usurpando-lhes, por esta forma, todas as suas economias, e encarecendo a vida, a ponto de não ser possivel aos colonos comprarem uma «piltrafa» de carne, ou uns magros feijões, que nem os suínos os querem.

Com isto, os fazendeiros impossibilitaram, não somente a vida dos trabalhadores rurais, impossibilitaram também a vida da população laboriosa das cidades, posto que não só de café se sustenta o povo, e esse mesmo não está ao alcance da bolsa do trabalhador.

Os fazendeiros, secundados pelo Patronato, não querem saber dos compromissos contraídos com os colonos.

Um correspondente burguês, nada suspeito de agitador, afirma que o aumento de salario reclamado pelos colonos não compensaria as perdas que eles tiveram com as plantações. Outra fonte de receita, ou de roubo descarado, é a das multas. Só na fazenda de Valdemiro Pinto Alves, foi um colono multado em 150 mil reis, por ter hospedado, em sua casa, durante uma noite, um seu irmão que

havia tomado parte em uma greve, no mes de maio do ano passado.

Por qualquer pretexto, os administradores, por ordem dos patrões, impõem multas a granel, extorsionando miseravelmente o esforço, o trabalho sobreumano, até das crianças de 7 ou 10 anos, que trabalham sob o sol ardente e sob a fria chuva ou a geada, desde a madrugada até a noite.

Para os fazendeiros a vida dos colonos não é digna da menor atenção. O mercado humano é abundante. Por isso, e apoiados pelo Patronato Agrícola, afirmam que não devem ceder, e resolvem, em uma reunião realizada no 1.º de Maio, em R. Preto, não atender absolutamente nada ás reclamações dos que, para eles trabalham, e constituir uma liga de resistencia, que terá por fim in, fluir sobre o governo para reprimir todas as reivindicações dos colonos, estabelecer condições peiores para os seus escravos brancos, e bases vexatorias, como por exemplo a de que nenhum fazendeiro aceitará colono algum que não haja terminado o trabalho na fazenda que tenha abandonado; devendo este apresentar uma caderneta de filiação e conducta, como se fosse um criminoso.

Como os patrões temessem uma revanche dos colonos, tratados a chicote como nos tempos do tronco, e com a propósito de provocar um incidente que desse ensejo a um massacre, mandaram ocupar as fazendas militarmente e insultar os grévistas.

Ao menos isto é o que se desprende do resultado das diligencias policiaes. A imprensa tem cumprido o seu dever de defender os fazendeiros e atacar os colonos, o que não nos admira, porque já o fazia antes, defendendo o brutal regime de escravatura que terminou em 13 de Maio de 1888. Todos os meios, desde a calúnia, a expulsão das fazendas, a prisão, até á ameaça de expulsão do país, e outras mil infâmias tem sido ensaiados para reprimir o movimento; mas os efeitos fôram contraproducentes, pois a greve estende-se a muitas outras fazendas, pondo em apuros os fazendeiros que calculavam açambarcar muitas dezenas de contos e regalarem-se enquanto as familias trabalhadoras caíssem nos ca-

feais, exaustas de trabalhos e de privações, mas desta vez enganaram-se; desta vez cairão os pés de café, apodrecidos — como já está acontecendo — se não fôrem prontamente atendidas as reclamações dos grévistas.

As noticias, segundo as quais os colonos se armam para impedir que os carneiros trabalhem, deviam ser uma realidade, pois a falta de respeito e de garantias só pode ser enfrentada andando de bacamarte a cinta.

Não pensem, nem por um momento os colonos, que uma intervenção estranha, ou um sentimento de justiça venha comover os patrões ou o governo. A força e a solidariedade são as únicas armas com que poderão contar mais probabilidades de victoria.

As sociedades operarias de todo o país devem prestar a este movimento toda a solidariedade possivel, para que os trabalhadores do campo não sejam suplantados pelos exploradores.

Graco

Nota Interessante

Para que todo o mundo se sciencie que da bela forma em que são tratados os colonos, mesmo os de procedimento exemplar... e para que sirva de exemplo aos que tratam de conquistar a simpatia dos administradores e patrões, apresentamos ao colono Giuseppe Capellini, trabalhador na fazenda do sr. Soletic Arruda na zona de Bebedouro.

Este colono apresentava o administrador com a metade da sua colheita particular, para conquistar-lhe a simpatia.

Este ano, porém, a colheita foi quasi nula e não lhe foi possivel repartir com o administrador.

Como consequencia viu-se, ele e a sua familia, perseguidos pelo administrador: A sua horta foi arrasada pelos «camaradas».

Queixou-se ao agente consular italiano e recebeu como resposta algumas verdades: que o fazendeiro e o administrador tinham o direito e podiam espancar e matar, tanto a ele como a sua familia, por que a lei estava da parte deles. Reclamou ao chefe de policia, Sampaio Vidal, 15 dias de trabalho, sem resultado.

Tentou embarcar para queixar-se ao consul em S. Paulo e na estação foi preso, estando dois dias na cadeia, sem comer.

Ao mesmo tempo, a sua familia estava encarcerada na propria casa, cercada por capangas armados.

O administrador entrou na sua residencia e sequestrou-lhe o contrato.

Finalmente fugiu e apresentou-se ao Patronato «qualquer coisa», e este mandou-o voltar para a fazenda.

Entregou 200 mil reis a um advogado para que tomasse a sua defesa, e não viu mais nem a defesa e muito menos os 200 mil reis.

Agora encontra-se sem dinheiro e com a familia sequestrada.

Só falta que lhe seja aplicada a lei de expulsão por rebelde e agitador exaltado.

Melhor lição não a pode dar nenhum mestre.

Joubert e Anta

A arbitrariedade policial continúa a saciar-se sobre estes dois camaradas.

Joubert, soubemos a ultima hora, encontra-se na Penitenciaria onde está, não sabemos por ordem de quem, incomunicado por dois meses.

Anta permanece na Central de Rio por capricho policial.

E ainda ha quem diga que existe justiça, que existe uma instituição juridica para zelar pela liberdade e pelos direitos dos cidadãos.

Ainda ha quem sustenta que estamos sob um regime civilizado.

A justiça só pode fazer a o povo, e nesse sentido a Confederação Operária Brasileira e a Federação Operária do Rio preparam grandes comícios de protesto.

Este exemplo deve ser imitado por todas as sociedades operarias do Brasil, e por todos os homens que simpatizam com a justiça e com a liberdade.

A arbitrariedade cometida contra esses camaradas vai dirigida ao proletariado em geral, e este não pode ficar impassível.

Em comemoração da conquista das 8 horas

No dia 24 do corrente, no Salão Celso Garcia, o Sindicato Operario de Offícios Varios levará a efeito uma velada de propaganda.

No próximo número publicaremos o respectivo programa.



O livre pensamento

Tópicos de uma conferência realizada na Liga Anticlerical do Rio de Janeiro.

Infinito é o numero de seitas religiosas que amotiguaram a vivacidade mental dos povos.

Um depois de outras, seguindo a ordem evolutiva do pensamento humano, feriram indelevelmente o sentimento dos povos, a ponto de imprimirem-lhe certa dose instintiva de misticismo, a qual perdura, não somente nos homens incultos, mas também nos homens de sciencia que não puderam dar às suas teorias, doutrinas e filosofias o radicalismo que devia ser-lhes proprio.

Quasi todas estão mais ou menos, impregnadas de panteismo e de metafísica, como restos de um passado que exerce certa influencia sobre os novos principios. Não pretendo demora-me sobre as seitas mais recentes e em voga, como o budismo, cristianismo, o-etc.

Quero somente salientar a ligação que as modernas filosofias que pretendiam ter destruido os arcanos da religião, da superstição e do deísmo, ainda conservam os estímulos dos nossos antepassados, ofuscados pelo fanatismo.

O sentimento, ou melhor, o vértigo do infinito vibra todavia na psiquis dos grandes vultos da sabedoria, e através desse vértigo é que fazem eclôso as novas luzes que deslumbram a mentalidade humana.

Comte, o colosso da nova era de emancipação intelectual, depois de demonstrar em magistrais trabalhos, a falsidade de todas as bases em que se assentam as igrejas, termina invocando o Grande Ser Humanitário, o novo Deus, que preside os ritos da irmandade positivista.

Em seguida, o eminente Spencer, que enriquece as teorias darwinianas, contribuindo para o seu desenvolvimento, chega ao final das suas observações, das suas especulações filosóficas e cae no vácuo, corando as suas doutrinas, eivadas de materialismo, com o seu Incognoscível, o Ser Supremo revelado pela sciencia, surpreendida fraudulentamente pelo sentimento religioso, atirando ao abismo as mais esclarecidas e potentes inteligencias.

Finalmente, Haeckel, o grande cientista, que tantas descobertas realizou no terreno da astronomia, da geologia e da biologia, destruindo os enigmas da criação e desenvolvimento, desde o protoplasma (através da escala zoológica) até o homem, reunindo infinito número de provas que confirmam a teoria mecânica ou monista, exclama: — «Um espirito vive nas cousas!»

Estes factos nos ensinam até que ponto os homens, mesmo os mais sábios são atacados pela peste religiosa, que durante o longo percurso das idades foi transmitida de geração a geração, na psiquis humana, e por isso é que encontramos certa naturalidade em que os homens lutem com tantas dificuldades para livrarem-se por completo dessa morbidez milenar.

E' sabido que a palavra *religião* significa, humilhação, reverencia a certas cousas que, por erro ou conveniencia consideramos superiores.

Em realidade a vida humana: a vida social, militar, politica, juridica, e economica é puramente religiosa.

Na familia vemos uma ordem jerárquica onde, cada membro, forçada ou voluntariamente, toma a benção dos que se conveio em chamar superiores, a obedecer os mais velhos, a acatar o seu mandonismo, por absurdo que seja.

No exército, ou clero militar, cada posto equivale a um grau de autoridade e supremacia inalienavel sobre os que ocupam postos inferiores.

E' notorio qual o papel dessa milicia cujo rei é Jeová.

Com frequencia esta ordem confundiu-se com o clero de batina, como por exemplo os cavalheiros templarios.

Na politica temos outra ordem, outra confradia que nos ensina o culto civico, a reverencia á patria, á bandeira, ás instituições, ás quais devemos crer, amar e obedecer.

Penetremos agora no templo juridico e veremos os sacerdotes da lei forjarem e applicarem as leis barbares como a de expulsão, e fazerem da prevaricação objecto das suas conveniencias e dos seus interesses.

Respeitar a lei humana equivale a acatar a lei divina, uma e outra pertencem a mesma essencia, que é o misticismo.

No mundo económico cada individuo é respeitado, adorado, reverenciado, obedecido e temido, segundo a sua fortuna e até segundo o seu emprego.

O patrão, o encarregado, o feitor são seres superiores, quasi divinos, perante os quais os operarios se curvam e se intimidam, ouvindo com resignação as suas ordens e os seus insultos.

Até este ponto chega a manifestar-se a loucura religiosa.

Por isto nós, os que compreendemos o que é o livre pensamento, estudamos e observamos os principios, as teorias e as doutrinas com inteira independencia de es-

pirito e não reconhecemos nenhum principio de autoridade, quer seja divina ou humana, e repelimos, tanto a autoridade clerical, social, militar, politica, juridica e economica, como a autoridade na sciencia ou na filosofia.

Visto como os espiritos mais cultos se perdem muitas vezes no delirio das suas especulações, aprendemos a rebelar-nos até contra as ideias ou concepções que, segundo a nossa consciencia, são falsas, embora sejam proferidas pelas culminancias do saber.

E não devemos limitar-nos a desconhecer e repelir os principios e as instituições presentes: os nossos ideais, os nossos sentimentos de justiça, de renovação, de igualdade e de liberdade, dizem-nos que devemos atacar todos os cleros, todas as autoridades, todos os erros, para destruil-os e conquistar para a humanidade a liberdade e a vida.

JOÃO CRISPIM

EXPOSIÇÃO DAS DOUTRINAS anarquistas

A emancipação economica

(Continuação)

III.

Nós concebemos a Sociedade futura, muito alem de todas as regras da economia politica e da aritmetica capitalista. A troca, a remuneração, a divisão dos productos segundo as obras de cada um, a procura do criterio exacto para atribuir «umiqueque cum» são utopias.

Não se pode avaliar aquilo que pertence a cada individuo do producto variavel e indivisivel do trabalho colectivo.

Nem a economia politica, nem Marx conseguiram estabelecer, dar substancia ao conceito do valor, com relação entre uma cousa e necessidade dessa cousa.

Onde a produção é colectiva, a remuneração do trabalho não pode ser senão colectiva e organizada de modo que satisfaça as necessidades de todos.

Não queremos com isto dizer que todos tenham que se vestir da mesma maneira e comer na mesa comum; mas na sociedade comunista a necessidade de cada membro da colectividade é considerada como de interesse social.

A razão e a tomada á vontade dos mantimentos são os dois extremos do consumo: viver-se ha de um e de outro.

As necessidades são previstas, o trabalho organizado para as satisfazer. A solidariedade estimulará os associados a desempenhar um trabalho alem do limite do interesse estreitamente individual.

Redigir-seão, sem duvida, estatísticas, mas as comissões de estatística não ditarão leis. Os associados conhecedores das suas situações, eles proprios, cuidarão dos seus interesses. Hoje os operarios revoltam-se contra a pretendida «directão economica do trabalho» e sem ruins resultados: (exemplo as sociedades de produção e trabalho), nada se opõe a pensar-mos que eles se entenderão livremente. Constituir-seão em associações livres, fundadas sobre identidades reais dos interessados e sobre as vantagens da cooperação entrando em accordo para o proveito comum, e o emprego dos meios e forças de trabalho.

— Quem executará os trabalhos mais belos?

— Os mais habilitados.

— Quem executará o trabalho mais penoso e menos atraente?

— Os mais fortes ou quem quer que seja.

— Quem beberá o champanhe ou comerá os frangos?

— Provavelmente os doentes ou talvez os glotões: tanto o artista quanto o sábio procurar-seão outros prazeres (viagens etc.).

— Onde se limitará o trabalho?

— Onde principia a necessidade do descanso, do estudo etc. A necessidade é limite de si mesma, e uma necessidade é o limite da outra. As necessidades morais são compreendidas nesse sentido.

— Onde se limitará a divisão do trabalho?

— Onde principia a enfraquecer a energia e a intelligencia para o trabalho.

«Não obstante, as relações entre os associados podem ser determinadas «pro-tempore» por pactos livres e revogaveis, regulando, por exemplo, o prolongamento do trabalho, o uso da materia prima e das maquinas, o emprego dos productos e os modos de satisfazer as necessidades; e também as condições para dissolver a associação».

A liberdade sob a qual estes pactos seriam estabelecidos, e a comunidade de interesses que subsistiria sempre entre os contraentes seria garantia suficiente para a sua execução.

«Entre os grupos—que seriam consti-

tuidos sobre uma larguissima base, para que pudessem ser independentes e para que o accordo entre eles fosse livre e igual — uma troca complementar poderia ter logar para os productos de industrias de localidades particulares, como as industrias extractivas, transportes, de navios etc.».

Mas, como na organização da economia actual a produção mercantil domina e submete às suas regras toda a produção realizada com esse escopo particular, assim, pelo contrario, na sociedade futura, a produção dirigida pelo consumo dominaria a da troca e lhe imprimiria uma directão conforme ao seu espirito.

A troca seria uma forma de associação, isto é, não seria determinada do «quantum» de trabalho incorporado nas cousas, ou da outra medida do valor, mas pelo principio de reciprocidade dos servicos.

Ter-se-ia a união de duas necessidades: o trabalho de cada permutador seria organizado em vista das necessidades do outro, e os productos seriam comuns.

«O livre accordo dos interesses seria regido estes casos excepcionais». Em conclusão, a determinação das relações entre trabalhadores, a organização do trabalho e as satisfações, a forma e as modalidades da associação, as relações entre os grupos, seriam postos ao livre accordo dos mesmos trabalhadores, ao jogo dos seus interesses comitantes, da mesma maneira e com melhor razão como na sociedade actual, os projectos, os accordos correspondentes são deixados á livre concorrência, ao jogo dos interesses discordantes pelas quais se re-repartem.

Ou para melhor simplificar a comparação: (1) os capitalistas de hoje japezam da desigualdade que reina entre eles e o antagonismo dos seus interesses, conseguem acordar-se (como no exemplo frequentemente citado das companhias de estradas de ferro) para dar uma certa continuidade a produção e uma unidade ao sistema economico, é presumivel que os operarios da sociedade futura saberão ao menos, fazer o mesmo, ainda que desigualdades ou antes, variedades de gastos, de situação, de maneira de ver, subsistissem e se manifestassem neles.

Po que nós não pretendemos, que tudo passe de impeto no melhor dos modos possíveis: «mas não sabemos como os nossos adversarios existem de nos aquela perfeitabilidade que está muito longe do sistema que eles defendem».

E não pretendemos que cada um gozará o mesmo grau de felicidade, que todos os individuos serão igualmente sábios e influenciados no mesmo grau no sentimento de solidariedade, nem que todos as situações serão favoráveis.

Nos não pensamos na uniformidade absoluta dos grupos, no desenvolvimentos iguaes dos individuos, na igualdade do clima.

E não preconizamos sequer a tranquillidade universal.

A solução social operar-se-ia, não pela guerra commercial ou politica, mas pela educação, pela emulação, pela associação, que sucederão á luta de classe, como força motriz do progresso.

(Continuará)

F. X. MERLINO.

(1) Tem-se citado assim as sociedades geográficas a Cruz Vermelha e outras associações privadas que possuem uma acção consideravel.

Podemos citar um outro exemplo: Quando estalou o cólera em Nápoles, no ano 1884, nas esferas officiaes foi uma desordem geral: funcionarios e medicos das cidades desertaram dos seus logares e seguiram o exodo das classes abastadas. Os doentes acumbiam privados de cuidados medicos; os cadavres permaneciam muitos dias sem serem sepultados.

O extremo do mal fornece a energia para o remedio. Grupos de voluntarios surgiram com diferentes nomes: Cruz Branca, Cruz Verde, Sociedade dos Veteranos, Sociedades de socorros mutuos para os operarios, etc.

Não se puzeram a disputar, sobre a origem, o tratamento da doença, o sobre a melhor organização a dar-se. Mas, procuraram dinheiro, compraram viveres, cobertores e medicamentos.

Houve medicos privados que ofereceram os seus servicos e os que não eram medicos adquiriram em alguns dias de pratica os conhecimentos necessarios para prestarem os primeiros socorros. — Nota do autor.

Luta social

Tecelões em greve

Continuam em greve os operarios da fábrica de tecidos de Nemi Vafet do Ipiranga.

Os operarios estão, como no primeiro dia da greve, dispostos a não voltarem ao trabalho, enquanto o burguês não se declarar vencido.

Ha dias, os operarios da fábrica de tecidos Simão Boys, situada no Belem-zinho, declararam-se em greve, exigindo aumento de salario e o horario de 10 horas de trabalho; antes trabalhavam 11 horas.

Os efeitos da carestia da vida estão despontando por toda parte.

Comemoração do 1.º de Maio

Em S. Paulo

Nesta capital o dia 1.º de Maio amanheceu esplêndido. O céu azul e limpo convidava a ficar a vista no Zenit.

Um deslumbrante sol de primavera feria com os seus brilhantes raios os visos dourados das unidades de uma banda de música, militar uniformizada, que abria com os seus acordes marciais, a marcha forçada da coluna operaria que levava as suas saudações, os seus protestos de adesão e de solidariedade ás autoridades palácias, por terem em logar seguro os companheiros Josef Joubert e Adolfo Anta.

..

As 9 horas da manhã realizou-se, no salão Celso Garcia um comicio, organizado pelo Sindicato dos Canteiros.

O individuo que serve de director desta entidade, um tal sr. Scala, que, nestas occasiões, tem um repertorio recolhido para conformar a todos, não se atreveu a estender-se sobre os seus principios, cujos fins são bem conhecidos, e falou sem dar logar a arrancarem-lhe a máscara.

Falaram ainda varios companheiros relembrando as vinganças, os massacres e perseguições de que tem sido victimas os homens emancipados que lutaram com denodo em prol da emancipação humana.

..

A noite, no Salão Alhambra, organizado pelos sindicatos operarios, teve logar outro comicio de protesto e de propaganda, onde o povo manifestou a sua indignação contra a lei de expulsão, contra as repressões policiaes e contra a prisão dos companheiros Adolfo Anta e Josef Joubert.

Em Santos

Mil vezes temos affirmado que as repressões só podem provocar a revolta, dando maior vivacidade á nossa propaganda.

Mais uma prova temo-la na reacção em que o operariado santista se vem salientando, e especialmente na victoria que acabam de alcançar no dia da comemoração dos martyres de Chicago.

Rompendo com a norma seguida até aqui, a Companhia Inglesa e a Docas, vendo a attitude de rebeldia dos trabalhadores resolveram, para evitarem assaltos, como nos anos anteriores não obrigá-los a comparecer ao trabalho nesse dia.

Os comicios realizados superaram muito todos os anteriores, affirmando que das refregas sustentadas contra o patronato e das repressões de que tem sido alvo, saíram com mais brios para futuras lutas e positivas conquistas.

No Rio

A Confederação Operaria Brasileira organizou um grande comicio no largo de S. Francisco.

Nesta manifestação, que foi enormemente concorrida e entusiasta, fizeram vibrantes discursos alguns camaradas, analisando a situação precaria do povo, os bárbaros monopólios e as suas causas, a desigualdade social e economica.

A noite, na sede da Federação Operaria, realizou-se uma grande reunião operaria, na qual foi aprovada a seguinte moção:

«Considerando que o 1.º de Maio recorda um movimento grandioso de reivindicações proletarias contra a exploração dos abutres do capitalismo;

Considerando que o 1.º de Maio ficou designado, pelo proletariado consciente de todo o mundo, como uma data de protesto contra a prepotencia dos bandidos da finança detentores da riqueza social, que mantem pela força dos canhões; e

Considerando, pois, que o 1.º de Maio é um dia de lutas sangrentas, um dia de manifestações essencialmente revolucionarias, nas quais, portanto, os governantes de qualquer especie não podem ter participação directa nem indirecta;

Os trabalhadores do Rio de Janeiro reunidos em sessão de propaganda na sede da Federação Operaria Local, conscios do papel que representam nesta jornada de afirmações revolucionarias — protestam indignadamente contra a torpissima mistificação intentada hoje, pelos governantes desta terra, mancomunados com a meia duzia de crápulas desbrilhadas, ratanças das cofres públicos, que aí estão, para vergonha da causa operaria, encapitados nessa indecentissima arapuca a que chamam, por escarneo e cinismo, Confederação Brasileira do Trabalho.

Em Gravinhos

Nesta villa, apesar de ser um logar aparentemente sertanejo, o 1.º de Maio foi comemorado de accordo com a sua origem.

A não ser uma pequena nota festiva, dada por alguns operarios que não conhecem a fundo a significação desta comemoração, o demais foi o que podia ser, uma verdadeira jornada de propaganda revolucionaria e anarquista.

O EX-SOLDADO

— Uma esmola pelo amor de Deus... — Ora diz-me: que officio era o teu? em que trabalhavas, quando éras forte, vigoroso?

— Ah! meu senhor... Eu nunca trabalhei... Meus pais eram pobres; por isso matricularam-me numa escola pública...

O pobre homem calou-se, soluçou. Alagumas lágrimas rolaram-lhe pelas faces cobertas de penugem alongada, e coberta pelo pó das ruas.

Enxugou os olhos com a manga do casaco sebozo.

— E depois? — interroguei.

— A professora preocupava-se mais em ensinar-nos a marcha e fazer exercicios militares do que a ler. Seu marido era official do exercito. Ganhava amor pelo militarismo. Fugia de casa para assistir ás paradas militares. Não queria trabalhar. Meus pais batiam-me muito... Fugí de vez... Fui para Escola de Aprendizes Marinheiros... Tinha então 15 anos de idade. Meus pais chegaram á extrema miséria... Nunca mais os procurei.

Meu velho pai, que era ferreiro, morreu tuberculoso e minha mãe morreu de desgosto por saber que eu vestia a farda...

Um soluço maior cortou a descripção da infeliz victima do preconceito patrio.

Depois continuou:

— Na marinha, eu e os meus companheiros éramos muito castigados, ás vezes sem motivo.

Desertei. Mas não estava afeito ao trabalho. Vagueava pelas ruas, comia frutas esmagadas, que encontrava no mercado velho. Fui preso. Enviaram-me, de novo, para a Marinha. Mandaram-me então para a tortaleza de Villegagnon, onde me sujeitaram a trabalhos cruéis, debaixo dos maiores castigos corporaes.

Acabada a pena fizeram-me marinheiro de um vaso de guerra. Findo o meu tempo de praça vim para terra, indo assentar praça no exercito. Foi por occasião da revolta de 93. Defendi também com entusiasmo a causa florianista, porque não queria ver a minha querida patria perder-se nas mãos dos monarchistas ambiciosos...

— E que fizeram em teu favor os florianistas graudos?

— Nada. Castigaram-me ainda, os do meu batalhão, por ter cometido uma pequena falta, por não ter feito continência a um alferes.

— Que premio te offerereu a patria republicana?

— A patria... a patria...

O infeliz estava. Não podia responder.

A patria tinha-lhe oferecido a mendicidade. Ele era um simples soldado, um desgraçado que, pela inconsciencia se deixou contaminar por essa monstruosidade a que chamam patriotismo, indo servir de instrumento assassino, aos marechais e aos conselheiros.

— Tens fome? — perguntei-lhe.

— Tenho muita, meu senhor.

Eu ia jantar, e levei-o comigo ao hotel. Comemos juntos. Ao apartar-me dele disse-lhe:

— Meu amigo, não te fiz isto a titulo de esmola; apenas cumprí o meu dever de operario que pensa; de um homem que trabalha segundo as suas forças, pela felicidade humana. Sou contra as patrias, porque só servem para desgraçar os filhos dos trabalhadores e beneficiar os governos, os engalados e os banqueiros.

Se todos fossemos iguaes; se trabalhassemos de accordo com as nossas forças, recebendo o que fosse necessario á existencia; si não houvesse ladrões nem roubados — ladrões os ricos, roubados nós — não precisaríamos de sofrer como sofres, nem eu de trabalhar tanto, por que a minha constituição fisica não o permite.

Emfim, seríamos todos felizes. Viviríamos como irmãos, sem necessidade de nos matarmos uns aos outros, em proveito do bem estar dos ricos. Meu amigo: sou anarquista!

O infeliz perturbou-se. Encarou-me. O seu olhar curioso obrigou-me a dizer mais:

— Anarquista não é ser assassino. Anarquista é todo aquele que ama a verdade e a justiça.

Filosofia, sciencia e humanidade são tres grandes partes do anarquismo...

— Sim senhor, sim senhor — disse o mendigo sorrindo — Muito obrigado... Seja muito feliz.

Um aperto de mão e... lá deixei o desgraçado a deitar agua num copo e talvez a interrogar-se a si proprio:

— Será mesmo um anarquista?

SANTOS BARBOSA

Aviso administrativo

O envio de dinheiro, e toda a correspondencia de administração deve remetter-se a nome de RODOLFO FELIPE.

La Barricata

PERIODICO ANARCHICO

Lo sciopero dei coloni

Nell'ora in cui scrivo lo sciopero dei paria delle fazendas, malgrado le minacce degli schiavisti, continua ad estendersi.

I giornali locali sono ora tutti concordi: la fame dei coloni, con lo sciopero, ha portato la cuccagna ai giornali. Non vi son più nemici: tutti — per l'auto compenso — hanno abbracciato il santo ideale della forza. Non più polemiche di partito; non più reciproche accuse infamanti; non più panni sudici al sole: in tempi di cuccagna i giornalisti dell'ordine a rovescio fan la pace e danno colpi ciclopici sulla schiena della giustizia e della verità.

E non crediate che a chiedere la forza contro gli affamati ci siano soltanto dei capangas brasiliani: i fazendeiros hanno assoldato anche un boia italiano per schernire i miseri paria italiani. E come canta questo uccellaccio! La fazenda è un luogo di delizie ed il fazendeiro un santo.

Ma lasciamo stare questi famuli e veniamo ad esaminare questo conflitto fra affamati e fazendeiros divoratori.

Il motivo principale di questo sciopero è la fame. I coloni hanno disertato i cafezaes perchè non ne potevano più: malgrado la loro fatica il compenso era così insufficiente che non potevan più nemmeno cavarsi la fame a riso e polenta.

E che queste non sono affermazioni gratuite lo dimostrano le cifre.

Nelle fazendas Schmidt e Dumont il trattamento del caffè vien pagato al colono 120\$ per ogni mille piedi. Il prezzo di raccolta del caffè vi è di 1\$200 per ogni 100 litri nominali ma questi 100 litri oscillano per la grandezza della misura dai 110 a 120.

Il colono non può seminare cereali di nessuna specie, come era concesso nel passato, nei cafezaes. Ora se vuol mangiare, il riso, i fagioli, il granturco per la quotidiana polenta se gli deve comprare a prezzi d'usura dal vendeiros che gli fa credito fino al giorno del pagamento. Prima il colono poteva procurarsi gratuitamente la legna per cuocere i suoi cibi: ora ha l'obbligo di pagarla 2\$ per ogni carrozzata.

Se poi da una parte son come si vede stati tolti al colono degli antichi diritti, dall'altra gli sono stati aumentati degli obblighi — prima inesistenti — di lavoro gratuito.

Il colono ha l'obbligo di eseguire gratuitamente questi lavori:

- 1.° Manutenzione dei pascoli;
- 2.° Accomodare le siepi (sercas) e farne di nuove.

In molte fazendas i coloni hanno l'obbligo di pagare 3\$000 ciascuno per il medico ma quando essi si ammalano, per prestare le sue cure, questo stesso medico pretende dei compensi favolosi.

Il colonnello Schmidt — uno scalzacane tedesco venuto qui scalzo e nudo, e ora arricchito coi sudori dei suoi antichi compagni di schiavitù — cinquantavolte milionario quando un colono si ammalava e dev'essere trasportato per l'ospedale della città gli fa pagare 5\$000 per il trasporto.

Vediamo ora quali sono le risorse del colono. Una famiglia colonica composta di nove persone, cinque delle quali sono atte al lavoro e che coltivano 10.000 pie-

di di caffè, ammettendo che raccolga 600 sacchi di caffè — ai prezzi attuali di 1\$200 per ogni cento litri di caffè raccolto — viene a guadagnare per questo 720\$000. Ora se a questa somma si aggiunge 1.200\$000 del compenso di coltivazione ne risulta che questa famiglia (badate che metto dei compensi rosei) viene a percepire per il lavoro quotidiano di tutto l'anno di 5 persone 1.920\$000, ossia un compenso quotidiano complessivo di 5\$265, ossia un salario personale di 1\$053 quotidiani.

Questo è il guadagno. Vediamo ora le spese. Se dividiamo R.s 5265 per 9 numero dei componenti la famiglia risulta che per vivere queste persone hanno la favolosa somma quotidiana di 585 ciascuna, somma con la quale nella fertillissima zona di Ribeirão Preto si possono bere due bicchieri di vino falsificato.

E ora queste creature umane con una tal cospicua somma ci devono vivere, così pretendono i fazendeiros, i preti che vogliono 10\$000 per un battesimo, Adolfo Gordo che riscuote 100\$ al giorno come deputato della nazione e trova che son pochi per lui, dato il carovivere, e fa l'avvocato delle banche italiane nonché francesi a prezzi scottanti; e la polizia che ha la mania di bastonare gli operai vivi e di sotterrare quelli morti; — ma naturalmente di questi paria son più quelli che agonizzano che quelli che vivono.

E ora può il capanga italiano dei fazendeiros, possono A Cidade e il Diario da Manhã, gridare a tutti i venti che le condizioni dei coloni sono floride, ma di fronte a tutto ciò che vi ho esposto, espressione genuina della pura verità, tutte le sofistiche macabre dei cavalieri della forza non possono giovare ad altro che a canzonare la giustizia e la verità.

Non ne dubito nemmeno io: lo sciopero dei coloni sarà presto strozzato, ma non perciò sarà risolto il problema della fame per i lavoratori della terra: la fame rimarrà e nel silenzioso rancore dei vinti o prima o poi fatalmente maturerà l'odio e la vendetta.

Si, lo sciopero dei coloni sarà presto strozzato perchè questi paria hanno tutto contro di essi: la stampa bugiarda, le autorità feroci, i bottegai infami.

Non è proprio, come taluni s'immaginano, tutta verità e tutto eroismo quel che il signor Torre, corrispondente ad hoc del Fanfulla fa stampare. Il paladino ha visto il suo prestigio in ribasso presso le autorità locali, e le sue tasche asciutte per rappresaglia degli schiavisti, e per ciò ha mentito, pur essendo verità, dicendo che il fazendeiro Schmidt non abbia tagliato i viveri ai suoi coloni per ridurli con lo spettro della morte. Il fazendeiro Schmidt ha in realtà tolto la garanzia per i suoi coloni in tutti i magazzini, decisione che vuol dire, tradotta in tutti i modi e in tutte lingue, o sotto-metterli o morire di fame.

Ma non importa: la scadenza dell'acambiale della fame può essere protratta, ma non soppressa.

Io vedo l'avvenire torbido e minaccioso: i nostri coloni hanno dinanzi a se lo spettro terribile sghignazzante della fame e dietro le spalle le carabine dei capangas ed i mauer dei poliziotti istruiti dalla missione francese.

Cosa faremo noi per i nostri fratelli, per salvare i martiri delle fazendas?

Nessuno risponde?

Eppure qualcosa bisogna fare.

Fra i brasiliani non c'è dunque un solo uomo di cuore?

La razza dei José Bonifazio è dunque morta?

Noi abbiamo fiducia che l'apostolo degli schiavi bianchi non debba tardare a sorgere, e a lanciare la rivendicazione dell'umanità oltraggiata.

Ribeirão Preto, 4-5-1913

Uno che c'è nel mezzo

Congedo...

Me ne vado. Sarà un pregiudizio, però ci tengo a vivere più che mi è possibile, nient'affatto desideroso di agonizzare e istupidire lentamente. E siccome me ne infischio della salute eterna è logico che mi preoccupi di quella terrestre. Non diserto dunque. Il mio organismo ha bisogno di cure e vado a cercarle oltre oceano tra i briganti della Calabria poiché tra le persone per bene di questa straordinaria repubblica è umanamente impossibile curarsi della neuraemia.

Agli amici ed ai compagni il mio saluto e l'augurio, per essi, di continuare a militare fiduciosi nel manipolo generoso — per quanto scarso di combattenti — di quelli che hanno saputo riempire la loro vita di qualche cosa di meglio che le rinunce quotidiane e l'abbruttimento perenne dello spirito. Perché, a parer mio, sentirsi anarchico, significa, sentirsi uomo e vuol dire aver dato all'esistenza uno scopo nobile ed onesto.

Perciò che mi riguarda, dunque, niente congedo... di riforma. Spero prima o poi di ritrovarmi tra voi, con voi; ma in ogni caso qui sigillo la promessa che, dovunque mi trovi e dovunque vada a finire, sono e resterò un'anarchico che all'anarchia ci crede ancora.

GIGI DAMIANI.

Il laccio al collo

L'appuntato di questura che fa il redattore nel clandestino giornale che sorte di casa contemporaneamente alle prostitute, ai ladri ed ai pipistrelli, vogliamo dire — e dio ci salvi dalla diarrea! — «A Noite», non sapendo che fare si è recato ad intervistare il portiere del nato-morto Patronato Agricolo, il quale portiere dopo di essersi fatta pagare la pinga e soffiandosi il naso con le dita (visto che quello del fazzoletto è un costume «extrangeiro e anarquista tambem») si è degnato di versare in seno al preludato questurino, nonché redattore del nottambulesco giornale, i suoi profondi giudizi sull'attuale sciopero dei coloni.

Siccome noi non vogliamo far dar di stomaco ai nostri lettori, riassumiam o l'intervista, tra i due importanti cittadini, in poche parole.

«I coloni hanno torto e torto marcio. Anzi, siccome essi violano l'accettato contratto devono essere multati (leggi: non pagati) e licenziati su due piedi.»

Adagio, Biagio.

Che la bile vi schizza dagli occhi si vede e non c'è bisogno che farneticiate per farcene avvistati. Eh! si sa... non ve lo aspettavate questo sciopero dei coloni, dopo gli articoli a prezzo fisso del vostro Piccarolo, e credevate che la vostra «lei paulista», quella benedetta legge di espulsione che dovrete ringoiarvi per amor di... pancia, credevate che bastasse ad asservire alle vostre brame le vittime della «fazenda».

Datevi pace: la vostra ottentottiana astuzia vi ha fatto cilecca. E' inutile sbraitare, torcersi e contorcersi; il dilemma è ben chiaro e non vale la pena che lo chiosi, con la sua sbiadita prosa, il «Fanfulla» sempre pronto alle acrobatiche giravolte: o pagare chi per voi lavora, o aspettare che il caffè lo raccolghino i pap-pagalli.

E' la tattica del laccio al collo, del bere o affogare.

Ma... e i contratti!?

Evvia, lasciateli un po' in pace quei curiosi contratti e lasciate che con essi per una volta tanto si puliscano il sedere anche i coloni.

Voi sapete bene che si tratta di un documento che non ha valore alcuno giuridico se non contro i coloni, poiché la giustizia è agli stipendi dei «fazendeiros»; voi sapete che si tratta di un documento fiduciario, imposto ad affamati e ad analfabeti, e legalizzato davanti... al troncone a cui non è gran tempo si legavano ancora gli schiavi negri e quelli bianchi.

Se la «baixa» del caffè avesse precipitato, o se un accidente climaterico avesse mandato in rovina i «cafezaes», voi sapete bene che i coloni avrebbero dovuto aspettare tranquilli la morte per fame, se per sfamarsi avessero atteso che il famoso contratto garantisse loro la quotidiana polenta.

Eppoi, a noi ripugnano i mezzi termini — con i prepotenti non vi può essere altro contratto che la prepotenza in azione.

Fino a ieri vi è andata bene perché i coloni ci vedevano poco; oggi, non ostante il tracoma, ci vedono più chiaro ed è naturale che si accorgano che i loro «lauti guadagni» non bastano più. La vita è rincarata del doppio e, per il colono, del triplo.

Il vostro contratto, elaborato da un poliziotto, per avere valore in causa dovrebbe essere tale da dimostrarci, con i fatti e non con le chiacchiere, che il costo dei generi di prima necessità s'è mantenuto, durante l'anno, stazionario.

Ma è una dimostrazione alla quale avete la furberia di sottrarvi con le solite ciancie intorno alla propaganda dei sovversivi... come se costoro fossero i responsabili delle sempre più ingrate pretese del monopolio!

Parlate di diritto scritto, ma sopra tutte le elocubrazioni dei legulei da caffè-concerto, v'è un diritto inoppugnabile: quello del ventre del lavoratore; v'è il diritto alla vita che vi straccia in faccia tutte le vostre leggi che opprimono e per corollario affamano quelli che producono ogni benessere per gli oziosi.

Con i prezzi stabiliti un anno fa, oggi il salario del colono, è insufficiente, è irrisorio. Ed il colono che non ha attraversato l'oceano per venire ad ingrassare i vostri «cafezaes» con il suo carcame, agisce divinamente imponendovi nuovi patti e scegliendo l'ora propizia per imporli ai cristianissimi padroni.

Bestia da capestro sarebbe se per farsi valere avesse atteso che voi vi foste ricordati di lui... Aspetta cavallo!...

Noi nutriamo fiducia che lo sciopero si estenda e, se soffocato, riesploda...

A voi, o signori padroni del Brasile, o meglio, ladri del Brasile, la soddisfazione di applicare su vasta scala la vostra graziosa legge di espulsione intorno alla quale ha sudato sette camicie (indumento straniero!) e spremuta tutta la bile del cattolico animo il più grande giuriconsulto della Beozia tropicale, Adolfo Gordo!

E se non avete altri mocoli da accendere... potete pure recarvi a sentire cantare il sabai sotto i «pinheiros» e a scacciarvi le dita dei piedi all'ombra profumata delle «jaboticabas», aspettando che vi rinascano le penne per coprirvi le natiche ai padri gesuiti tanto dilette.

Chè il caffè se lo papperanno le formiche.

AUSONIO ACRATE.

E' PAZZO

Una leggenda vera

Dissero: Lascia il vomero nel soleo appena aperto, «lascia la ronca nel ramo che aspetta il vergine vigore dell'innesto» lascia il martello sull'incudine, lascia la pialla sul banco, la lesina sul desco, l'ago nel lino, la spola nel telaio, la cazzuola nella calce, lascia incompiuta la tua opera di pace, di fecondità e d'amore per bene e per la vita di tutti gli uomini e va in guerra o giovinetto di vent'anni. La patria ti chiama.

Dissero ancora: Lascia il libro aperto sotto la lampada che ha vegliato alle prime gloriose fatiche della tua mente, lascia il bisturi che cercò trepidamente nella carne morta il palpitante della vita, lascia il timone che guidò la nave nell'infinito, il telescopio che al tuo fido sguardo mortale schiuse le vie degli astri e la gloria del sole, lascia la penna che supplì alla tua parola, il pennello sulla tavolozza, l'arco sulle corde, lo scalpello sul marmo — scaccia il tuo pensiero, sospendi l'ansia affannosa dell'anima tua, dimentica tutto ciò che separò da te, uomo dal bruto — e va alla guerra o giovinetto di vent'anni. La patria ti vuole.

Dissero ancora: Lascia la madre tua che t'ha partorito con dolore e t'ha allattato col latte delle sue mammelle, la tua madre che ebbe solo a gloria ed a felicità, lascia il tuo padre cadente che per te ha dato il suo poco pane ed il suo molto sudore, lascia i tuoi fratelli che da te aspettano l'esempio e l'ausilio, le tue sorelle che da te aspettano la protezione e la guida e lascia pure colei che il destino ha messo sulla tua strada, colei che tutta la sua vita ha vista in te nel sogno roseo del piccolo cuore innocente. Strozza il grido del tuo cuore, soffoca il sospiro della tua anima, ringioia il singhiozzo che ti sale alla gola, nascondi come una viltà e un'infamia le lagrime dei tuoi occhi e va alla guerra o giovinetto di vent'anni. La patria ti chiama.

E dissero altre cose strane e grottesche, e tristi e stupefacenti, ma tutte cose crudeli e nessuno ne fu sorpreso, nessuno ne fu sorpreso, e nessuno le discusse e le ragionò, perchè eran cose antiche che erano state dette da secoli e secoli, e da secoli e secoli erano state ascoltate senza protesta. E così da secoli e secoli tutti andarono e vanno alla guerra.

Il legislatore disse: E' doveroso.

Il magistrato disse: E' giusto.

Il filosofo disse: E' umano.

Lo scienziato disse: E' naturale.

L'artista disse: E' bello.

Il poeta disse: E' glorioso.

Il prete disse: E' divino.

Uno solo fra tutti disse: Non è giusto.

E tutti quanti si misero contro costui e lo scacciarono, e lo insultarono, e lo percossero e dissero: E' pazzo.

Verso l'anarchia

Pagherebbe un'ora di lavoro, ad esempio, per un paio di calzoni, quattro ore di lavoro per una giubba; potrebbe acquistare per un quarto di ora di pane, per dieci minuti di tabacco, per due minuti di zolfanelli... pagherebbe due ore al mese per una camera, dieci ore per cinque camere.

Il denaro, come si vede, verrebbe abolito, ed in vece sua ci sarebbero i buoni di lavoro divisibili sino al minuto primo.

Chi non volesse lavorare in collettivismo legalitario?

Chi, potendo, non volesse lavorare, non riceverebbe i buoni di lavoro e ne subirebbe le conseguenze.

Chi volesse lavorare solo tre ore al giorno?

Sarebbe padronissimo, ma riceverebbe ogni giorno un buono di solo tre ore e dovrebbe accontentarsi di consumare per l'equivalente delle tre ore di lavoro fatte.

Se uno cadesse ammalato?

Come oggi nelle Società di Mutuo Soccorso, in collettivismo legalitario, se uno cadesse ammalato, previa dichiarazione medica, riceverebbe lo stesso il buono rappresentante l'intera giornata di lavoro, ed anche di più quando la di lui malattia lo esigesse.

Chi è inabile al lavoro?

A chi è inabile al lavoro, si per disgrazia che per nascita, il governo socialista passerebbe una pensione, come oggi il governo borghese passa una pensione a coloro che sono inabili al lavoro in seguito a ferite riportate durante il servizio militare, ecc.

I vecchi?

Come oggi il governo passa una pensione a colui che per un dato numero di anni ha prestato servizio nell'esercito, nell'arma dei carabinieri, nelle guardie carcerarie, negli impieghi governativi, il governo socialista sarebbe in dovere di passare una pensione ad un cittadino, raggiunta una data età.

A cinquant'anni ad esempio.

Chi farà il beccchino?

—Queste professioni verrebbero compensate dal governo socialista, tanto che basti a che uno trovi la convenienza di farle.

Quando ciò non giovasse, farebbero per turno ad a sorte come praticasi tra eguali.

Manco a dire che il governo socialista dovrebbe sottrarre una parte del lavoro collettivo, per impiegarla nelle opere pubbliche, ecc.

Tali le principali riforme volute dai socialisti collettivisti legalitarii.

E' realizzabile il collettivismo legalitario?

E' realizzabilissimo, ed è perciò appunto che noi siamo in dovere di combatterlo come un grandissimo pericolo, non garantendo esso quell'uguaglianza sociale, libertà, benessere e pace a cui tende l'umano progresso; essendo l'unico mezzo che facilmente si presta alla borghesia per ingannare, mistificare il popolo, come ha fatto nella rivoluzione del 1879.

Tanto è vero l'asserto che il collettivismo legalitario dapprima combattuto slealmente ed accanitamente dalla borghesia, oggi, in seguito all'avanzarsi minaccioso del comunismo anarchico, lo vediamo abbracciato disperatamente dai borghesi di ogni colore.

Clericali, ortodossi, liberi pensatori, monarchici, repubblicani, democratici, tutti fanno più o meno apertamente professione di socialisti, tutti sono ormai collettivisti legalitarii.

Collettivismo

I socialisti legalitarii prendono il nome di collettivisti, perché vogliono che il prodotto del lavoro fatto da tutti non sia dichiarato proprietà comune insieme alla terra ed agli strumenti di lavoro, che, mediante i buoni di lavoro, venga distribuito a ciaschedun lavoratore a seconda del lavoro che avrà fatto e che resti esclusiva proprietà individuale.

Perciò essi adoperano le formule: «Il prodotto al produttore, a ciascuno secondo il lavoro fatto; a ciascuno secondo la propria capacità, ecc.» aventi tutte il medesimo significato.

Supponiamo dunque d'essere in pieno collettivismo.

Il governo socialista, può egli tener conto della capacità d'ogni singolo individuo, può egli stabilire la giusta misura della di lui retribuzione? Impossibile!

Vi rimedierà stabilendo delle categorie arbitrarie di operai, getterà cioè le basi dell'ingiustizia e del malcontento.

Oli operai associati in cooperative di lavoro possono dire qualche cosa in proposito.

Ammetto anche che tale valutazione si possa fare equamente, avverrà che Tizio, che è intelligente, guadagnerà supponiamo, dieci, mentre Caio, che ha

la disgrazia di essere tardivo, guadagnerà solamente cinque.

Anche ciò non è giusto.

Forse che in collettivismo la forza bruta di Caio non è altrettanto utile di quella di Tizio? In quante famiglie è oggi praticato un simile sistema, e potrà egli sussistere nella grande famiglia umana dell'avvenire?

(Continua)

Biblioteca popolare di cultura libertaria

Con il fine d'intensificare lo studio delle dottrine dell'anarchismo ed ogni vulgarizzazione scientifica, fra l'elemento operaio e sovversivo, si è costituito un gruppo di compagni di buona volontà, i quali han dato incarico ad un compagno d'Italia di fare acquisto per conto del gruppo dei migliori libri ed opuscoli.

Data la natura del gruppo e gli scopi che si propone è logico che le opere da esso poste in vendita lo saranno A PREZZO DI COSTO, il che permetterà a tutti i volenterosi di formarsi una piccola biblioteca, filosofica e libertaria, con poca spesa.

Perciò coloro che volessero libri ed opuscoli, possono fin d'ora farcene richiesta, specificando cosa desiderano, acciò possiamo regolarci nelle ordinazioni che man mano andremo facendo.

Richieste, valori ed ogni cosa che possa interessare la biblioteca popolare di «cultura libertaria», devono essere indirizzati a questo indirizzo:

FRANCESCO GATTAI
Rua Amelia 6, São Paulo.

Per il gruppo organizzatore:

FRANCESCO DE PAULA.

Nel paese dei macacchi

I quotidiani di S. Paulo e tutti i settimanali, grandi e piccini, hanno riprodotto un telegramma diretto da un Centro Operario di Ribeirão Preto, al presidente dello Stato, augurandogli molte belle cose in occasione della festa del lavoro, o 1.º Maggio che si voglia chiamare. L'affare è parso sorprendente a tutti e specialmente a noi.

Un Centro Operario che festeggia il 1.º Maggio con un telegramma ad una vecchia mummia della reazione e dello schiavismo?!... Roba da 1.º... di Aprile... americano; roba da chiodi, proprio!

Ma credendo ad uno scherzo o ad una truffa, noi ci siamo affrettati a chiedere spiegazioni ai nostri amici di Ribeirão Preto, tanto più che quel telegramma portava la firma di un prete.

Ed ecco la risposta:
«Centro Operario in parola esiste di fatto, e funziona come lega di resistenza tra i mariti fatti beati dai frati agostiniani. Gli orizzonti dei soci sono molto larghi e la fede inculcata loro dai preti molto profonda. Il sesso degli aderenti è neutro».

Lo dice lui:
Il signor Raul Silva, mago, stregone ed imbroglione, nonché grande segretario dell'O.º di S. Paulo, è stato, dal governo federale, incaricato del servizio di installazione di sindacati e cooperative agricole di produzione e consumo nello Stato di S. Paulo.

Cosa vuol dire nascere sotto i propizi segni kabbalistici, durante la congiunzione del 2º con la vacca... pardon! — con la vergine volevamo dire, mentre Venere starnuta, Bacco fa le fische e Mercurio prepara le trappole per i sorci!

Ecco un uomo che passerà alla storia tra i più grandi benefattori dell'umanità!

Perché il signor Raul Silva che legge il futuro per 5000 e regola gli affari del G.º Ar.º dell'Un.º per 500000 al mese, salvo le mancie, adesso s'è finto in capo di abolire la Carestia della Vita...

Basta versare nelle sue mani la tenue moneta di 250000!

Il *Fanfulla* giornale coloniale per tutti gli usi e consumi, indipendente presso a poco quanto una signora di rua Libero Badaró, anche di fronte allo sciopero dei coloni (coloni nella quasi totalità italiani) non ha badato ai sacrifici per mantenersi all'altezza del suo democratico e patriottico funzionamento di pompa aspirante e di bandiera per tutti i venti.

Uomo prudente, frate *Fanfulla*, ha cominciato col non accorgersi che lo sciopero era scoppiato da più giorni... ed ha tenuta desta l'attenzione dei suoi lettori proponendo loro le romanzesche gesta della moglie del tenente Gallinha, con il sussidio della fotografia dei nobili assassini, i delegati compresi.

Poi ha preceduto i giornali settimanali ed ha comunicato a sé stesso che lo sciopero c'era... ma, fedele ai suoi grandi ideali, dopo aver difeso i coloni in una colonna e di aver suggerito loro un contegno dignitoso, ammettendo che stavano dalla parte

del diritto con la stessa smorfia con cui Cristo bevve il fiele stando in croce, nella pagina seguente, in caratteri appariscenti, ti pubblica la ricerca dei krumiri fatta dal segretario di agricoltura.

Ma qui non si fermano i sacrifici del *Fanfulla* per la grande causa della propria prosperità.

Visto e considerato da qual parte il vento soffiava, che ti fa? Manda Giovanni in Ribeirão Preto con la missione di stare a vedere da qual parte era più conveniente pencolare... per il momento.

Eppoi v'è della gente che vuole tassarsi per donare alla colonia italiana un'altro quotidiano!

Ah! no, perdio! Non siate ingrati. Italiani dallo stomaco forte, s'arratevi tutti intorno al vostro organo... che l'organo vi suona così bene!...

CUYUM PECUS

Divagazioni

Le uniche riunioni pubbliche che la polizia di S. Paulo permette e tutela sono quelle religiose. Bisogna rallegrarsene. I cretini, avvelenati d'alcool e di pus religioso, ed i birri hanno un modo così curioso di far baldoria che sarebbe davvero un peccato impedire loro di essere i beniamini della magna costituzione repubblicana.

In nome di Dio e dell'Ordine questa gente si scanna con sanguinaria voluttà. Infatti non v'è festa religiosa, processione, esaltazione di beati e di santi che non finisca con un macello di creature umane.

Tutte queste feste sono uguali: si preparano con l'elemosina, principiano in gloria, scorrono fra le sborne e finiscono a revolverate e a coltellate.

Naturalmente l'epilogo è un'altra risorsa per il prete che guadagna tanto a dir messe per gli assassinati quanto a cantare per la festa e portare i suoi santi in processione. Del resto il signor Iddio è stato sempre ghiotto di sangue umano.

In via Canindé, l'altra settimana, un antico caporale di cavalleria, in occasione di una festa religiosa, scannò un soldato di polizia che gli si era fatto innanzi per pregarlo di non commettere prepotenze contro delle persone che non lo molestavano.

Il morto è stato sotterrato, il prete ha cantato la messa per l'anima in partenza... e l'assassino corre sempre.

Il capo di polizia naturalmente trova la cosa più che logica e gli assassini cristiani possono essere sicuri di poter godere della libertà di scannare il prossimo in nome di Dio.

Ma però se la libertà di riunione è garantita ai devoti sanguinari, il divieto per le riunioni proletarie rimane in tutto il suo vigore.

I proletari — uomini, donne, bambini, — nella loro qualità di lavoratori non hanno nessun diritto: sono stati decretati fuori legge. Per riunirsi pubblicamente lo devono fare nella qualità di cattolici, cioè di poveri di spirito che si riuniscono per cantare la gloria di Dio, della Vergine, dei Santi, per ubbriarsi e per scannare il prossimo.

Se si riuniscono per salvare i loro piccini dalla morte, lenta ma certa, degli ergastoli industriali, la polizia fin qui li ha dispersi a sciabolate, ma ora — parendogli troppo mite una tale azione repressiva contro dei proletari inermi — pare che voglia usare misure ancora più efficaci: ha cominciato a mandare i soldati armati di carabina perfino per impedire le riunioni di donne uscite da una fabbrica di tessuti per reclamare un trattamento più umano.

E questi procedimenti polizieschi ci paiono, borghesamente parlando, di una logica invincibile.

Il borghese è di sua professione un malfattore privilegiato, e quando gli operai si riuniscono per imporre ai loro padroni d'essere meno ladri, non troppo briganti, truffatori o imbroglioni la polizia ha stretto obbligo di intervenire — a fucilate, a sciabolate, infine sempre le rocemente, ma come meglio crede — contro i proletari che turbano ai loro padroni il libero esercizio del delitto legale, sancito cioè dalle leggi.

Ma, mi direte voi, i proletari non hanno dunque il diritto di riunirsi e di associarsi per tutelare la loro vita e quella dei loro piccini, insidiata dai delinquenti del capitale?

Il diritto c'è per tutti, esso fa parte integrante della natura morale e sociale di tutti gli individui, ma se questi individui obbedissero alle leggi dei delinquenti, invece di mettere le loro forze al servizio delle proprie necessità, della verità e della giustizia, come potranno mai godere di qualsiasi libertà?

Aos correspondentes e colaboradores

Por falta de espaço e para não inserir trabalhos identicos, deixamos de publicar no numero especial varias colaborações e correspondencias. Não desanimem por isso os camaradas.

I governi lasciano fare al popolo tutto ciò che non gli è possibile impedire loro di fare...

Interprete bene questa verità e vi accorgete ch'essa racchiude anche il metodo da seguire per conquistare, o amici lavoratori, il diritto di riunione, e tanti altri diritti più importanti ancora: ad esempio il diritto di non essere più sfruttati.

ACRATIBIS.

CORRISPONDENZE

Ribeirão-Preto

(GOLIARDO). — Qui vi è un essere abietto e vile, certo Leandro Pierini, affittato dai fazendeiros per ricoprire di contumelie i coloni scioperanti.

A questo degenerato, a questo strumento vile dei moderni schiavisti, vada il disprezzo di tutti gli uomini che nel loro cuore nutrono sentimenti di fratellanza e di solidarietà per il paria delle fazenda.

L'anno scorso in una corrispondenza che in occasione del 1.º maggio inviavi alla *Battaglia*, dicevo che da allora in poi era meglio che la famosa pasqua del lavoro fosse festeggiata dai preti... che non lavoran mai. Il consiglio è stato ascoltato: quest'anno i preti, al suono dell'«Inno dei Lavoratori», con messe e benedizioni hanno festeggiato il 1.º maggio.

In omaggio alla legge Gordo che minaccia di espulsione i lavoratori che non vogliono farsi divorare docilmente dall'illustrissima parassiti dominanti, i grandi agitatori della locale «Lega di Resistenza», animati da una grande paura, hanno creduto bene non festeggiare questa ricorrenza; e la Società «Unione Italiana» che in altri tempi è sempre stata all'avanguardia d'ogni movimento d'emancipazione proletaria, oggi è agnizzante e non tarderà il giorno in cui i dirigenti faranno la trasformazione monarchica del sodalizio.

Però la società che le capriole fa più belle è il circolo filodrammatico Ermete Novelli.

State a sentire. Vari compagni proposero che per la sera del 30 aprile fosse data una festa nella quale avrebbe dovuto darsi un bozzetto drammatico sociale e una conferenza di propaganda.

Questa proposta fece strillare tutti i nostri gloriosi addomesticati. Naturalmente non occorrerebbe che vi dicessi che la maggior parte di queste oche in tempi meno crudeli e più beati erano degli anarchici (dio! an!) capaci di lanciare un migliaio di bombe al giorno.

La legge del sig. Gordo, come si vede, non è del tutto fuori di posto: ha giovato a togliere la maschera ai fanfaroni.

Coraggio adunque, o illustri eroi della fuga, soci emeriti della Lega operaria. Viva la monarchia e morte al proletariato.

Signori dell'Unione italiana: Abbasso le conferenze e gloria ai fazendeiros.

Signori del circolo Novelli: Viva l'illustre dott. Adolfo Gordo.

Bragança

(F. F.). — Si è aperta per certi lestofanti, una nuova industria: quella di assicurare la vita degli altri in beneficio proprio. Uno scalzacane qualsiasi che abbia qualche soldo assicura la vita, in parecchie compagnie, ad una persona attempata e magari di malferma salute, quando questa persona muore l'assicuratore riceve i premi e da un'elemosina alla famiglia del morto. Qui in Bragança si è dato il caso che un operaio, morto da poco, era stato assicurato da circa due anni da sette od otto persone, perché lo sapevano un forte e impenitente alcolista che col suo tenore di vita non poteva campare a lungo. Il calcolo era giusto: le compagnie, adorando la frode, non hanno pagato tutti gli speculatori ma soltanto quattro o cinque di essi.

E fin qui la speculazione non è macabra. Ma quando gli speculatori vedono che il loro soggetto ha la pelle dura e debbono continuare a pagare? Allora possono pensare essi a far morire l'assicurato, per smettere di pagare e riscuotere l'agognato premio.

A me pare strano che, pur essendo in una società basata sul delitto, si possa giocare sulla pelle del prossimo con contratto notarile.

I padroni di case crescono gli affitti, ma poi si ricusano di mantenere pulite le loro catapecchie.

La direzione del servizio sanitario ogni anno manda un suo ispettore per dare una visita alle catapecchie: questo ispettore ordina, per delle ragioni di salute pubblica, dei lavori di risanamento nelle case, ma i suoi ordini non vengono mai eseguiti perché nessuno poi si cura di farli eseguire: cosicché vi sono delle case dove sono costretti a marciare i lavoratori, più sporche di porcelli.

Quando poi appaiono delle epidemie, allora tutti gridano. Non vi pare che sarebbe meglio imporre ai proprietari di case di eseguire gli ordini degli ispettori sanitari, o diversamente di abolire il servizio sanitario dello stato che costa al popolo parecchi milioni all'anno?

Ação libertaria no Rio

Os camaradas do Rio comunicam-nos que ficou constituído, naquela cidade, um «Centro de Estudos Sociais, que se dedicará a propaganda doutrinária, por meio de bibliotecas, conferencias, palestras, folhetos, etc.

Ha neste centro uma porção de companheiros iniciados na propaganda, e bastante entusiastas para colaborar com os antigos camaradas, na tarefa de vulgarização do ideal anarquista. Com júbilo registramos esta notícia, pois, centros como este, ou grupos de propaganda e de ação, é que se torna necessário fundar em todas as cidades, vilas e povoações, para dar um verdadeiro impulso ao movimento anarquista.

O Grupo «Guerra Social» realizará hoje uma reunião para tratar assuntos referentes a propaganda.

A reunião terá lugar na rua S. Gonçalo N. 6.

Sindicato União dos Pedreiros

Todos os componentes da classe estão convidados a comparecer á grande assemblea que se realizará no sábado, 10 do corrente, ás 7 horas da noite, a rua do Carmo, 36, para tratar assuntos de grande importância.

Os antigos conselheiros e socios não devem faltar, para que, mais tarde, não haja dúvidas entre os companheiros. O CONSELHO.

Pro Germinal! e Barricada

Entradas

S. PAULO

Lista E. Gerbi 50000	280000
N. N. 15000 — M. Soave 50000	15000
S. Ferdinand: 15000 — Carlos	25000
S. Junior, 15000 — O. Favero	15000
15000 — L. Petroni, 15000 —	15000
R. Siera, 15000 — O. Brandello	15000
15000 — Cranio, 25000 — O.	15000
Lucchino, 15000 — V. Porroni	15000
15000 — A. P. 5000 — Angelola	15000
15000 — A. Spaleori 15000 —	15000
Edmundo Gerbi 50000 (assinatura)	15000
Total	280000
Delavessa Verginio	15000
Memo	25000
Antonio S. Rabelo	25000
A. P. Golant	25000
Antonio Paniza	50000
Gino Murani	85000

JUIZ DE FORA

Recebidos por intermedio de Andree Toschi (cobrança) 160000

CAMPINAS

Lista de G. Pelcio — Pelcio 60000	60000
P. Poneli 25000 — G. Pirovessa	15000
15000 — Balduino 25000 — E.	15000
Montori 25000 — De Freitas	15000
15000 — B. Marono 15000 — M.	15000
Gustapan 15000 — M. Romano	25000
25000 — E. Garcia 25000 — G.	15000
lherme H. 15000 — F. Pauza	25000
25000 — J. Mattos 15000 — J.	15000
Bonafé 15000 — O. de Camargo	15000
15000 — Total	245000

PENAPOLIS

Recebidos por intermedio de Pepino Milehori 40000

MONTEVIDEO

Zanelli e Ravaioli 50000

AGUA BRANCA

Candido Bonelli (1912) 100000

GUARATINGUETA

Louis Graille — Recu votre abonnement. Bien, merci 10000

JAHU

Galdino Viana 50000
Tolentino Miralha 50000
Nicola Tomei 50000
G. Gersanino (912) 50000

PRANCA e IGAPAVA

Recebidos por intermedio de José Pucci, assinaturas, 65000

TRES CORAÇÕES

Giovanni Barolli 100000

CRAVINHOS

Donativo da Liga Operaria 20000

Cobrança liquida de varias localidades 665000

Livros e folhetos 18000

Venda avulsa e pacotes 395000

Total geral 1:1305000

RESUMO

Saldas 1:233200

Entradas 1:1305000

Deficit 102500

Nota — O camarada Barbieri transcreve uma lista e por nos ter chegado tarde fica para o proximo numero.

Saldas

Selles expedicoes correspondencia e mais objectos para administração 109500

Atinuel da sede 50000

3 livros 9500

Tipografia numero 6 do Germinal! 175000

Numero especial 252000

Numero 8 175000

Redação e administração 250500

2 boletins 25000

Deficit do numero anterior 154000

Total 1:233200

Piccola posta

BARRINHA (G. Marola). Indubitamente se alle parole corrispondessero le azioni hai scritte non poche cose giuste. Guarda di riassumere. Credo che sia facile, considerando che le questioni personali non interessano affatto, salvo quattro o cinque sfacciatati, i lettori.

BRAGANÇA (F. F. La mancanza di di spazio ci obbliga a riassumere.